



Europa: Encruzilhada Geopolítica¹

Therezinha de Castro*

Elaborado em novembro de 1999, o artigo examina a perspectiva geopolítica da Europa nessa oportunidade, em função do fim da Guerra Fria e seus desdobramentos.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética ocupava 495.000km do território europeu com uma população avaliada em cerca de 25 milhões de habitantes.

Em 1946, em discurso feito no Westminster College em Fulton, Estados Unidos, Winston Churchill destaca essa situação, ao afirmar: *De Settin no Báltico até Trieste no Adriático, uma cortina de ferro desceu através do continente.*

Na realidade, as grandes linhas recortadas de fronteiras impostas pelos tratados assinados entre 1919 e 1921 haviam frag-

mentado a tal ponto a Europa Central e Oriental, que justificariam a necessidade de uma espécie de ferrolho na região. Como a área em questão tornava a URSS comunista vulnerável diante de uma Europa Ocidental capitalista, o Kremlin aí se impôs, satelitizando os países ainda durante a Segunda Guerra Mundial, dando-lhe o devido arremate nos primeiros anos após o seu término.

A Cortina de Ferro, batizada pelo estadista inglês, era, na realidade, *uma faixa estratégica estendendo-se do Mar Báltico ao Mar Negro* que começara a se for-

mar, ainda em 1939, pelo Acordo Germano-Soviético - os nazistas, invadindo a Polônia, ficavam com o oeste, contando com a cumplicidade dos comunistas, que recebiam o leste.

Em 1940, em nova partilha entre os dois países totalitários, Berlim concedia a Moscou o direito de anexar três Estados bálticos - Estônia, Letônia e Lituânia - bem como o setor fronteiro da Finlândia - a Carélia, desde Viborg² até Petsamo, o único porto finlandês no Ártico.

Com a derrota da Alemanha, em 1945, os russos anexavam a Prússia Oriental, transformando Königsberg

* Professora. Do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

¹ Selecionado pelo PADECEME.

² De onde eram deslocados cerca de meio milhão de pessoas, para melhor segurança da cidade russa de Leningrado, hoje novamente São Petersburgo.

em Kalinigrado, firmando o domínio comunista no Báltico.

Impunham sua hegemonia em toda a Polônia, a quem entregavam a Prússia Ocidental, bem como a Silésia e Pomerânia alemãs, transformando-a num satélite soviético.

Com a Alemanha Oriental ocupada pelos russos, a Polônia ficava cercada pelas tropas soviéticas, a tal ponto que o governo de Varsóvia não teve outra saída que a de permitir a permanência do Exército Vermelho no país.

A implantação do satelitismo na Tchecoslováquia, libertada pelos russos no final da Segunda Guerra Mundial, se concretizaria através de um golpe de Estado em 1948. Já então estava em curso a satelitização da Hungria de forma gradual, que culminaria em 1949. Para melhor controlar o governo de Budapeste, a União Soviética anexava a Rutênia, subtraída da Tchecoslováquia, passando a ter fronteira com a Hungria.

Restava para o Kremlin a geoestratégia do Danúbio. Esse rio nasce no setor oriental da Alemanha, já em poder dos russos e, com

seus 2.800km, é a mais importante rota natural da Europa do leste. Desemboça no Mar Negro, o acidente geográfico mais importante da Rumânia, desde 1947 na órbita soviética e já amputada da Bukovina e Bessarábia.

Estava vitorioso o objetivo do Kremlin da formação de uma barreira defensiva do Báltico ao Mar Negro, a *Cortina de Ferro*, que deslocava a fronteira soviética a 250km de Varsóvia, Budapeste e Bucarest, três anos após o término da Segunda Guerra Mundial.

ORIGEM DA OTAN

Para alertar que a Europa Ocidental estava a postos e que não iria tolerar mais anexações e satelitizações no continente, na tribuna da Assembléia-Geral da ONU, em 28 de setembro de 1948, Paul Henri Spaak, então ministro das Relações Exteriores da Bélgica, dava o recado a Vichinski, Chefe da delegação russa. Textualmente, dizia: *Sem querer entrar no mérito de qualquer regime político, nós afirmamos que, após haveremos lutado contra o fascismo e o nazismo, re-*

solvemos não nos submeter a qualquer doutrina autoritária ou totalitária.

Falava no plural, em nome dos aliados do Tratado de Bruxelas, firmado, em março de 1948, por seu país, a Bélgica, e pela Inglaterra, França, Holanda e Luxemburgo. Era uma aliança defensiva de cinco países da Europa Ocidental que, livres do expansionismo alemão, continuavam na presença de grandes forças militares russas, sustentadas por exércitos satélites controlados pelo Kremlin.

É fato, porém, que os cinco aliados de Bruxelas não eram suficientemente fortes para enfrentar o Kremlin, e não contavam com os Estados Unidos voltados, desde 1947, para o TIAR (Tratado Interamericano de Assistência Recíproca), cujo objetivo era o de afastar o comunismo dos países americanos. Muito embora, em 1948, quando bloqueada a Berlim Ocidental pelos russos, os Estados Unidos, ao lado da Inglaterra, tivessem abastecido por ponte aérea, durante onze meses, dois milhões e meio de berlinenses de carvão e gêneros de primeira necessidade.

Seguindo-se ao bloqueio de Berlim,³ a ameaça soviética contra a Finlândia e Noruega levaria os Estados Unidos a se ligarem aos cinco aliados de Bruxelas.

A OTAN não era um supergoverno, mas uma comunidade onde todos os membros eram Estados soberanos. Nascia para fazer frente ao bloco comunista liderado pela URSS e, no dia 4 de abril de 1949, Truman declarava ao Congresso: *Estou certo de que a resolução dos países livres da Europa de se protegerem a si próprios será acompanhada de uma resolução igual, da nossa parte, de os ajudarmos a assim procederem.*

Iniciava-se a primeira das três etapas seguidas para a formação da OTAN, quando, estudados planos para a defesa da Europa, Washington se convenceu da vulnerabilidade dos cinco aliados de Bruxelas. Na segunda etapa, decididas as principais características da futura OTAN, a Inglaterra e os Estados Unidos entram em contato para a de-

fesa da bacia do Atlântico Norte, enquanto a terceira etapa se ateuve à geoestratégia de incluir zonas periféricas em relação ao núcleo central; daí a entrada do Canadá, Islândia, Noruega e Dinamarca, no norte, e Itália e Portugal,⁴ no sul.

Quatro anos depois do término da Segunda Guerra Mundial, no dia 4 de abril de 1949, os ministros das Relações Exteriores de doze países (dez europeus e dois americanos) se reuniram nos Estados Unidos para fundarem a Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Passando de aliança a comunidade, a OTAN nascia de um reflexo coletivo de defesa, evocando a *herança comum e civilização como referência étnica*, a expressão mundo atlântico se imporia como concepção geopolítica. Por outro lado, reforçava o ponto sétimo da Carta do Atlântico, preconizando que só com a paz se iria permitir a toda a *humanidade atravessar os mares e oceanos sem limitações.*

A OTAN tem, pois, suas raízes na Carta do Atlântico, quando o inimigo expansionista ainda era o nazismo, e o *grande cisma*, usando o termo de Raymond Aron, não havia ocorrido.

No transcurso da primeira quinzena de agosto de 1941, Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, e Winston Churchill, primeiro-ministro da Inglaterra, se encontraram em repetidas conferências em pleno Atlântico, a bordo do cruzador estadunidense *Augusta* e do encouraçado inglês *Príncipe de Gales*. Dois problemas eram então primordiais - a ajuda dos Estados Unidos à Inglaterra e a de ambos os países à União Soviética.

Os oito pontos da Carta do Atlântico, firmada em 14 de agosto de 1941, procuravam estipular princípios comuns para as políticas nacionais de seus respectivos países, sobre os quais se alicerçavam as esperanças em prol de um mundo melhor.

³ O bloqueio de Berlim durou 323 dias e, em 11 de abril de 1948, os Estados Unidos já estavam preocupados em garantir a segurança do Atlântico Norte. Assim, no dia 11 de julho, por 64 votos contra 4, o Senado permitia que os Estados Unidos entrassem no sistema de aliança dos signatários de Bruxelas, com os quais, no mês seguinte, junto com o Canadá, Washington dava o primeiro passo.

⁴ Portugal, por não ser uma democracia pluralista do tipo ocidental, teve sua entrada contestada pela França, mas contou com o apoio dos Estados Unidos e da Inglaterra, pela importância que davam aos Açores como ponte aérea para o sul da Europa.

E, para que esse mundo melhor viesse a se implantar, determinavam os três primeiros pontos que *a Inglaterra e os Estados Unidos não almejavam nenhuma ampliação territorial; que ambos países respeitariam o direito de todos os povos de escolher sua forma de governo; e que os dois signatários não acata-riam nenhuma anexação territorial que estivesse de acordo com os desejos livremente expressados pelos povos interessados.*

Na Conferência de Moscou (outubro de 1943), em plena guerra contra o nazismo, na prática, não havia mais aliados, tal a discordância entre Churchill e Stalin.

O expansionismo russo dera origem à formação do AMGOT, anagrama de *Allied Military Government of Occupied Territory*, constituído por funcionários ingleses e estadunidenses. Como a finalidade do AMGOT era a de manter a ordem e administração nos países ocupados, essa organização seria considerada, pelos comunistas, como a *Santa Aliança contra o Socialismo.*

De nada adiantaria o AMGOT nem a própria

ONU, nascida em 26 de junho de 1948. O golpe de Praga, em fevereiro de 1948, soviétizando a Tchecoslováquia, provocaria a ruptura oficial entre o leste e o oeste, detonando a Guerra Fria.

Observe-se que o século XX seria a centúria das organizações internacionais, com a Liga das Nações e culminando com a Organização das Nações Unidas, ambas, como a OTAN, conseqüentes de conflitos europeus, continente definido por Montesquieu como *uma Europa que não passa de uma nação composta de várias.*

De um lado está a OTAN, o mal necessário para uma Europa que se procura compor sob uma mesma bandeira azul de estrelas amarelas. Uma bandeira que não consegue conter nacionalismos, muitos dos quais latentes, arraigados num continente que viveu sempre em guerras potencializadas, sobretudo, nos dois conflitos mundiais, de 1914 e de 1939. Diante dessa OTAN dirigida pelos Estados Unidos, um estrangeiro convencional para o continente, procura impor-se à *guerra-santa da Unidade Européia*, sonho de Haushofer - a conjuga-

ção de espaço vital. Aí se impõe a encruzilhada da geopolítica européia, ainda bafejada pela extrema direita que o nazismo consa-

O século XX seria a centúria das organizações internacionais, com a Liga das Nações e culminando com a Organização das Nações Unidas, ambas, como a OTAN, conseqüentes de conflitos europeus, continente definido por Montesquieu como uma Europa que não passa de uma nação composta de várias.

grou, traduzida na superioridade étnica atual do sentimento contra os estrangeiros que Ruffin classifica de *novos-bárbaros*. Continuamente bem longe de ser homogêneo, a Europa tem várias velocidades dentro de uma geometria variável sempre às voltas com problemas comunitários.

FRONTEIRAS DE TENSÃO

Tanto a Geografia Política tradicional quanto a Geopolítica consideram, como fronteiras de tensão, aquelas nas quais se enfrentam os interesses políticos, estratégicos e econômicos das nações. Conflitos fronteiriços ocorreram em todos os continentes, mas a

Europa talvez seja dos mais ricos em exemplos, tendo-se iniciado lá os dois grandes conflitos mundiais. Em consequência, após cinco décadas sob a proteção do Pentágono, a Europa, sem a ameaça, mas ainda com a presença da Rússia e a disfarçada hegemonia da Alemanha, reunificada em 1990, mas ainda não unificada, ainda precisa da OTAN. Essa mesma OTAN que teve por base uma Europa livre da guerra nazista, mas atrelada à geopolítica do confronto da Guerra Fria com a URSS.

Essa mesma Europa que, a despeito da implosão da URSS (1990), ainda se mantém com suas fronteiras políticas bastante fluidas. Onde a OTAN se haver transformado num acordo militar com base numa opção geopolítica, fixando-se em objetivos geoestratégicos, objetivos e opção que a levam a mostrar o reverso da medalha – reverso da medalha que se estende desde o Mar Negro/Tirreno até o Báltico, onde a antiga URSS adquiriu por tratados ou ocupação militar cerca de 500.000km² de territórios.

É verdade que, no Báltico, já estão independentes a Estônia, a Letônia e a Lituânia, mas lá está, em compasso de espera, a Prússia, o núcleo geográfico da Alemanha, dividida entre a Polônia e a Rússia. Aí, os poloneses deram à Dantzing, alemã, o nome de Gdansk, enquanto os russos chamam a Königsberg, alemã, de Kaliningrado. É ainda incerto o futuro da Carélia, retirada de Suomi, o nome em finlandês da Finlândia, que perdeu para a Rússia 11% de seu espaço político, ou seja, 45.688km².

A Alemanha perdeu, após a Primeira Guerra Mundial, importantes territórios para a França, a Polônia e a Bélgica, países logo invadidos ao iniciar-se, em 1939, o segundo conflito. Ao perder a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha não só seria dividida como sofreria retificações em suas fronteiras. Coube à França a anexação do Sarre,⁵ sob o ponto de vista econômico (moeda e aduanas). O objetivo dos franceses não era meramente o de obter reparações de guerra e, sim, o de compe-

tir contra a potencialidade do Ruhr. Voltando também para o domínio francês à Alsácia-Lorena.

Com a Bélgica ficavam Malmedy e Eupen, enquanto Elten e Sittard eram entregues à Holanda. Já a Polônia, além da Prússia Ocidental, obtinha os territórios no leste da linha do Oder-Neisse, ou seja, a Pomerânia e a Silésia.

A amputação desses territórios é fator de conflitos latentes. Em consequência, a Alemanha reunificada, mas ainda não unificada, deverá suportar ainda por muito tempo que as suas Stettin e Breslau se mantenham com os nomes poloneses de Szczecin e Wrocław? Por sua vez, se a Polônia perder territórios no Ocidente para a Alemanha, não há de querer de volta o que era seu, mas retirado pela Rússia, onde estão Vilna, Brest-Litovsk e Lwow?

Continuam os conflitos latentes, pois, para fazer fronteira com o seu então satélite Hungria, a URSS tomou a Rutênia da antiga Tchecoslováquia, sendo que hoje esse espaço poderia estar englobado na República Eslovaca.

Enquanto a República Tcheca reivindica Teschen (Ctezin), que continua em

⁵ Em janeiro de 1957, esse território era reintegrado à Alemanha.

poder da Polônia, a Alemanha reclama os Sudetos (Sudeten), incorporados por Hitler, em 1938, como território etnicamente alemão. Com a aprovação da Conferência de Potsdam (julho de 1945), a Tchecoslováquia expulsou daí a quase totalidade alemã: em condições dramáticas, 10% dos retirantes seriam mortos no caminho, sendo os demais acolhidos na Baviera.

A Bessarábia, retirada da Rumânia pelo Tratado de Paris, de 1947, diminuiu consideravelmente o litoral rumeno no Mar Negro. Nesse setor de fronteiras de tensão, a interiorizada Bucovina, ocupada pelos russos em 1944 e definitivamente anexada em 1947, poderá, junto com a Bessarábia, vir a ser reivindicada pela Rumânia, que disputa parte da Transilvânia com a Hungria e trecho da Dobrudja com a Bulgária.

Eis, pois, o vasto setor da Cortina de Ferro que se desfez em 1991, em compasso de espera, com suas fronteiras fluidas traçadas como meros expedientes da História.

PONTOS NEVRÁLICOS

Sem limites definidos, centro de ação do Império

Bizantino, que aí manteve o credo cristão ortodoxo, e do Império Otomano, o propagador do islamismo, os Bálcãs, significando, em turco, montanhas, constituem, para o Ocidente, uma Europa contaminada pelo Oriente.

Os Bálcãs seriam integrados ao Império Otomano, fechando o Oriente das especiarias aos cristãos. Instalando sua capital em Constantinopla (antiga Bizâncio), em 1453, os turcos otomanos cercavam o Mediterrâneo desde a Síria até a Argélia e, avançando para o norte, chegaram a atacar Viena (1529).

Sempre alvo das potências européias, o *homem doente da Europa*, tal como Nicolau I, czar da Rússia, definia o Império Otomano, este iria sobreviver até a Primeira Guerra Mundial, quando se aliou ao nazismo alemão. Assim, os Bálcãs iriam ser libertados pelas armas aliadas (1912-13), enquanto o Armistício de Mudros (1918) marcava o início do fim do Império dos Sultões.

Alvo de nacionalismos e ambições, em 1922 era proclamada a República, com Mustafá Kemal criando a ocidentalizada Turquia

Moderna, detentora das duas margens dos geoestratégicos Estreitos de Dardanelos e Bósforo que a Rússia, desde meados do século XIX, ambicionava - Rússia que chegava ao Mar Negro com a sua Cortina de Ferro, mas sem atingir o Mediterrâneo com a Iugoslávia eurocomunista e a Albânia sinocomunista.

Em 1981, morria Joseph Broz Tito, o sustentáculo da Iugoslávia que, *mero expediente da História*, passava pelo fenômeno típico da transição prost-comunista. Era a metamorfose do comunismo em nacionalismo sob a direção de Slobodan Milosevic - dinâmica geopolítica que se estenderia até 1991, quando se imporia o novo nacionalismo, com o desmoronar da Cortina de Ferro e a substituição da URSS pela CEI (Comunidade dos Estados Independentes), atualmente a provisória Federação Russa.

Impunha-se a política Gorbachev, com a Rússia pretendendo transformar-se numa nação européia, querendo participar de um espaço europeu de paz e liberdade, tema, aliás, da *Casa Comum* ou União Européia, política que deixaria no



ar a indagação: Desaparecido o Eixo Leste/Oeste do confronto entre Kremlin e Pentágono, aceitarão os principais centros geopolíticos europeus uma união com a Rússia?

A despeito de já ter passado uma década, a política Gorbachev ainda não colheu frutos, já que tanto a União Européia (UE) quanto a OTAN estão bem mais voltadas para a antiga *Cortina de Ferro* e Península Balcânica, onde o ponto central é a desfeita Iugoslávia.⁶

A implosão da Iugoslávia se seguiu à independência da Eslovênia e Croácia, da Macedônia, dirigindo-se a onda secessionista para a Bósnia-Herzegovina⁷ e Kosovo, podendo alastrar-se para a Voivodina e, até, Montenegro, restando, no espaço da antiga Iugoslávia, a Sérvia sufocada e transformada num espelho sem vidro. Daí a frase de Henri Kissinger de que *o mundo de 1990 exige uma nova definição do que seja interesse vital, estratégico, bem como moral.*

A definição de Kissinger se aplica à Cortina de Ferro, hoje com o Leste Europeu sofrendo as mazelas da transição, quer na insegurança humana quanto na incerteza econômica.

Observando-se que, nesses países do Leste Europeu, ao conquistarem a liberdade de expressão e o direito de voto, se viram às voltas com dificuldades, ante a transformação política, já que as idéias totalitárias não desaparecem com tanta facilidade e nem se traduz facilmente em riqueza e investimentos estrangeiros.

Quando a Rússia implodiu, toda a economia integrada do COMECOM desmoronou.⁸ O planejamento soviético centralizado levava cada área a se especializar num determinado produto. As vendas, antes garantidas pelo planejamento centralizado, não foram mais possíveis, aumentando o desemprego e fazendo, na mesma proporção, a renda cair.

O tipo de ajuda que o Plano Marshall ofereceu

para levantar a Europa Ocidental do pós-guerra não foi feito nos países do Leste Europeu. Daí a caracterizada *transição de ferro* contrastando com a de *veludo* ocorrida na Polônia, República Tcheca e Hungria que, contando com a Alemanha, o vizinho rico, levou-as a serem admitidas na OTAN e se candidataram à UE, o *novo muro* que precisam derrubar.

Derrubando os limites da Guerra Fria, ao admitir, em 12 de março de 1999, os três países ex-integrantes da Cortina de Ferro, a OTAN dava um passo histórico que preocupava a Rússia. Em artigo escrito para o *Los Angeles Times*, no mesmo dia da admissão, Gorbachev ressaltava a gravidade do mal-estar russo, comparando ter sido o fato tão humilhante para a Rússia quanto o Tratado de Versalhes o foi para a Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Para o líder mentor da *perestroika* (abertura) e *glasnost* (transparência), parece haver no Ocidente *uma meta secreta de obter vanta-*

⁶ A integração com o Leste Europeu vem-se fazendo, gradativamente, tanto no contexto da UE quanto da OTAN, com a admissão da Polônia, República Tcheca e Hungria, enquanto, ainda em 1991, a Eslovênia e Croácia católicas, desligando-se da Sérvia (simpática à Rússia ortodoxa), se encaminharam para a independência reconhecida, no ano seguinte, pela UE.

⁷ É, no entanto, seguindo sua política ocidentalista, a Rússia contribuiu para as forças multinacionais nesse duplo país cristão-muçulmano.

⁸ Em 28 de junho de 1991, o COMECOM era dissolvido.

gens geopolíticas em detrimento da Rússia.

A Rússia tendo, tanto na OTAN quanto na UE, as portas fechadas para o seu ingresso, transformou-se num país politicamente instável, de onde o capital foge, agravando ainda mais o fato de a elite econômica ter-se apoderado dos recursos estatais sem repassar os lucros ao governo. Daí ser sobremodo utópico o *Ato Fundador sobre as Relações, a Cooperação e Seguranças Mútuas entre a OTAN e a Federação Russa*, publicado em Paris, em 27 de maio de 1997.

Com a liquidação do Pacto de Varsóvia, em 1º de julho de 1991, e o fim da União Européia, em 25 de dezembro do mesmo ano, desfazia-se o Eixo Leste/Oeste do confronto caracterizado pela Guerra Fria. Especifica o Ato Fundador que a Rússia fez profundas reduções nas suas Forças Armadas, retirando-as numa escala sem precedentes, dos países da Europa Central e Oriental e dos países bálticos e retirou todas as suas armas para o seu próprio território. Em con-

trapartida, assinala o mesmo Ato Fundador que a OTAN *reviu sua doutrina estratégica para ter em conta o novo ambiente de segurança na Europa*. Afirma ter reduzido radicalmente as suas forças convencionais e nucleares, mas continua a adaptá-las. Continua afirmando o referido documento que, embora a OTAN e a Rússia não se considerem adversárias, a Aliança Atlântica continuará a alargar suas funções políticas, encarregando-se de novas missões de manutenção de paz e de gestão de crises em apoio das Nações Unidas (ONU) e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

Em 24 de abril de 1999, os 19 países da OTAN⁹ assinavam um documento estabelecendo novo conceito estratégico da aliança que, praticamente, se transformava numa espécie de polícia regional, pois além da defesa coletiva terá papel de gestão em crises que venham a ocorrer na zona euroatlântica, justificando-se, com isso, a intervenção no Kosovo.

Como nem todos os países europeus integram a OTAN, foi aprovada uma declaração reconhecendo o crescente papel da UE na

A Rússia tendo, tanto na OTAN quanto na UE, as portas fechadas para o seu ingresso, transformou-se num país politicamente instável, de onde o capital foge, agravando ainda mais o fato de a elite econômica ter-se apoderado dos recursos estatais sem repassar os lucros ao governo.

defesa e segurança do continente, bem como o seu direito de aprovar ação militar onde a aliança do Atlântico Norte não estiver engajada.

Enquanto a megapotência da América se firma na Europa, a Rússia se mostra em refluxo. A demografia eslava continua a se estagnar em face do dinamismo dos povos muçulmanos da Ásia Central, onde seu mundo euroasiático, como uma banquisa caída em mares quentes, se fragmenta.

A Ucrânia e o Bielarus procuram abrigo no seio da Europa, enquanto no Cáucaso estouram conflitos étnicos, como o da Chechênia-

⁹ Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Polónia. Portugal, República Tcheca e Turquia.

Ingusétia, tudo acontecendo no momento em que tanto a Rússia quanto a OTAN adotam, entre outros pontos, pelo Ato Fundador de 1997, o compromisso da *prevenção de conflitos e resolução de litígios por meios pacíficos, em conformidade com os princípios da ONU e OSCE.*

Sem ter o seu aval para entrar na OTAN, a Rússia, como prêmio de consolação, faz parte do Conselho Conjunto Permanente, um mecanismo para consultas, coordenação e, na medida do possível, quando adequado, para decisões conjuntas e para ações conjuntas que digam respeito a questões de segurança de interesse comum. Trata-se de um órgão de consulta, mas as consultas não abrangem assuntos internos da OTAN, dos Estados membros da OTAN ou Rússia. Assim, a OTAN bombardeou a Sérvia, fazendo a Rússia o mesmo com a Chechênia,¹⁰ pois as disposições desse Ato Fundador não dão, nem à OTAN nem à Rússia, de qualquer maneira que seja, um direito

de veto sobre as ações de outra parte, nem violam ou restringem os direitos da OTAN ou da Rússia de tomar decisões ou de atuar de forma independente.

No momento, a Rússia de um lado e a OTAN do outro nos leva a refletir sobre o Memorandum Monet divulgado há quase meio século, em 3 de maio de 1950.¹¹ *A Europa não existe. Ela nada mais é do que a soma de soberanias reunidas em conselhos que criaram uma entidade. É necessário que surja uma Europa que se manifeste por si própria como também a opinião estadunidense, para que ela tenha confiança em seu próprio futuro.*

Em conseqüência, observa-se nos dias de hoje que a Europa não domina mais o mundo e que, em crise, não é senão um dos pólos do sistema internacional, onde as noções de supremacia, de equilíbrio e de acordo são produtos de uma época de transição, na qual alguns Estados-nações se vêem como entidades soberanas dotadas de uma missão.

CONCLUSÃO

Numa Europa em crise, o *Transição 1999*, relatório do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) divulgado em julho do referido ano, destaca que não há muito o que comemorar nos dez anos da queda do muro de Berlim e conclui que miséria, desemprego, criminalidade, doença, estagnação econômica tornaram penosa para a maioria a passagem do sistema autoritário para o democrático.

Diferindo do processo pacífico do Leste Europeu, o Exército sérvio, para evitar a implosão da Iugoslávia, tentou reprimir a independência da Eslovênia e da Croácia, sem o conseguir. Isso porque, na primeira, o aval da UE, reconhecendo o fato como consumado, veio poucos meses depois; na segunda, o processo foi mais difícil, exigindo o cessar-fogo da ONU (1º de janeiro de 1992), seguido do imediato reconhecimento por parte da UE. A independência desses dois países cristãos inte-

¹⁰ Reprovando a OTAN, em março de 1999, de bombardear a Iugoslávia, a acusadora Rússia passava, em outubro do mesmo ano, a acusada, ao agir do mesmo modo com a Chechênia. Ironicamente, Moscou assimilou a lição de dois mestres - a de Milosevic para os objetivos perseguidos, a da OTAN pelo método empregado.

¹¹ Transcrito por *Le Monde* (9 de maio de 1970) e *Defarges in Relations Internationales - Questions Regionales*. Volume 1.

ressava, em muito, à Áustria e à Hungria, sem litorais, para a obtenção de passagem bem mais segura para o Mediterrâneo.

Já a Guerra da Bósnia (1922-95) foi bem mais sangrenta. Aí, devidamente autorizada pela ONU, foram realizados bombardeios localizados pela OTAN. Em dezembro de 1995, era assinado o *Acordo de Dayton*, criando a Federação da Bósnia (muçulmano-croata) e a República Sérvia da Bósnia, ainda supervisionadas por tropas da ONU.

Submetida a sanções internacionais desde a Guerra da Bósnia, a Sérvia regredia territorial e economicamente. Daí o governo de Belgrado haver intensificado sua ação no Kosovo, recusando um acordo para manter a autonomia dessa província, de retirar suas tropas da área e de aceitar no local a presença de forças da OTAN. Prosseguia com a expulsão maciça da população albanesa, agindo contra o ELK (Exército de Libertação do Kosovo), que tentava a independência dessa província com 90% de islâmicos.

Não vendo acatadas suas advertências, a OTAN iniciava o bombardeio da

Sérvia (24 de março de 1999). O Conselho de Segurança da ONU, teoricamente responsável pela paz e segurança internacionais, não foi consultado, sabendo os Estados Unidos que a ação seria vetada pela China e pela Rússia. Esse grave precedente mostraria que a ação da OTAN, longe de ser humanitária, foi bem mais ofensiva contra um estado soberano, após o exercício de diplomacia coercitiva.

A OTAN colocava a ONU em posição marginal, dada a clareza de sua Carta, quando diz que o uso da força só é permitido contra qualquer ataque direto ou sob autorização expressa do Conselho de Segurança - destaque ainda para a agravante, já que o tratado que criou a OTAN determina que a referida organização militar deve seguir as normas da ONU.

A política da intervenção pela Santa Aliança (união das potências europeias), ineficaz para sufocar o nacionalismo na América e na própria Europa no século XIX, era, sobretudo, ressuscitada no final do século XX. Procurando salvaguardar a credibilidade da aliança mili-

tar, o ataque da OTAN à Sérvia poria fim a qualquer convivência multiétnica nos Bálcãs, observando-se que, diante das tropas de ocupação da OTAN, às quais depois se juntaram as da ONU, os sérvios, de agressores, passaram a ser atacados pelos retornados albaneses-kosovares, também direcionando o seu alvo contra os ciganos.

Por outro lado, a ação da OTAN nesse indefinido espaço euroasiático para salvaguarda do *interesse comunitário* da UE acabou por atingir dois países da própria aliança militar do Atlântico Norte - a Grécia e a Turquia.

A Grécia, já membro da UE, de religião cristã ortodoxa como a Sérvia, sendo a essa mais simpática, sairia perdedora, ficando ainda geoestrategicamente vulnerável, cercada pelo Kosovo, Albânia e Macedônia, onde é ativa a população muçulmana.

A Turquia, desde 1993 apoiando de modo incondicional a guerrilha albanoskovar, saía vitoriosa. Aspirando entrar na EU, sabe-o bem que recuperou seu posicionamento na aliança militar atlântica, minimizado, sobretudo, com o

fim da Guerra Fria. À semelhança da Inglaterra, a Turquia despreza a ação comunitária da Europa, pelo fato de serem as duas aliadas incondicionais dos Estados Unidos. A primeira, no flanco ocidental, é reacionária na UE ao rejeitar o *euro*, a moeda única que quer fazer frente ao dólar. A segunda, no flanco oriental, que vem batendo, sem ser atendida, na porta da UE, passa a acreditar que, pelo menos a médio prazo, o governo de Washington tudo fará para vê-la integrada ao bloco econômico europeu.

Perdeu a Rússia, empurrada ainda mais da Europa, de quem se quer aproximar, por ver a sua aliada Sérvia sufocada, perdedora de todos os conflitos secessionistas. Saía a Rússia desmoralizada perante a OTAN com a derrota dos *irmãos eslavos cristãos ortodoxos*, depois que seu negociador Victor Chernomirdin foi obrigado a aceitar o plano de cessar fogo que pouco difere das exigências iniciais feitas à Sérvia pela Aliança Militar do Atlântico Norte.

A questão da Sérvia destaca ainda a união em crise entre os membros da OTAN, sabendo-se que os *dois falções* da Aliança, Estados

Unidos e Inglaterra, defenderam a continuidade dos ataques, quando outros dirigentes europeus titubeavam diante da demora dos bombardeios, causando a morte de civis.

Consta também que o Pentágono tem privado seus aliados da OTAN sobre detalhes em certas missões de combate à Iugoslávia. Isso para assegurar o estrito controle sobre todos os ataques com mísseis de cruzeiro e bombardeios guiados com radares e guardar segredos táticos e estratégicos que possam ameaçar a vida de seus pilotos.

A ação da OTAN marginalizou a ONU, que só entrou no jogo quando se fez necessária uma saída diplomática, concluindo-se que a força internacional, o KFOR, sob tutela da ONU, entrou em Kosovo como suporte logístico da OTAN, para restabelecer uma estabilidade ainda muito longe de ser alcançada. Isso porque interferências em lutas étnicas, na maioria das vezes, só prolongam os conflitos sem trazer a paz.

Finalmente, a região balcânica, já autodenominada de Sudeste Europeu, terá de ser recuperada da década perdida. Tudo irá

depender do *Pacto de Estabilidade do Sudeste da Europa*, região que conta com uma população estimada em 52,8 milhões de pessoas, com dívidas externas chegando a US\$ 54,98 bilhões.

Firmado em 30 de julho de 1999, em Sarajevo, esse pacto destina-se a estabelecer a democracia na região, economias prósperas de mercado, sociedades pluralistas abertas, nas quais sejam respeitados os direitos humanos, incluindo o das minorias nacionais. Procurará ainda o pacto facilitar a integração dos países balcânicos que o desejarem, nas estruturas euroatlânticas, significando uma ampliação da OTAN.

País castigado por 11 semanas de bombardeios, a Sérvia não irá receber a ajuda humanitária, mesmo com a Rússia advertindo que 10 milhões de pessoas enfrentarão grandes dificuldades no inverno. A Sérvia terá de ficar isolada, enquanto Milosevic estiver no poder. O problema será o de encontrar quem o substitua a contento, visto que os poucos que contam com força popular não pensam muito diferente.

A realidade é que, apesar de a população estar, sobremodo, aliviada com o fim dos ataques, a derrota com a perda do Kosovo,¹² considerado o sítio histórico sagrado da Sérvia, deixou ferido o orgulho nacional e arranhada a sua soberania.

Tudo é reflexo de uma Europa que se encontra numa encruzilhada geopolítica. Continente dividido e subdividido em pequenas nações com fronteiras muitas das quais inviáveis, inserido num contexto de maior espaço territorial que é a UE. Pequenas nações que sobrevivem, segundo Ives Gandra, *não como uma confederação de países soberanos, mas como uma federação de nações autónomas subordinadas a poderes comuns*. Assim, na encruzilhada geopolítica europeia, o Parlamento de Bruxelas e o Conselho do Atlântico Norte são os poderes comuns, cujas decisões ou deliberações, em suas respectivas áreas de competência, terminam prevalecendo sobre a dos órgãos locais de idêntica atuação que estão a servi-

ço de autênticos governos paroquiais.

Conclui-se ainda que a Europa, que se encontra em autêntica encruzilhada geopolítica, é uma península do Velho Mundo marcado por tensões. E assim, nem mesmo no Tratado de Roma (1957), o termo *uropeu* era oficialmente definido. Em consequência, o Tratado de Maastricht (1992), no artigo 8º, ao instituir a cidadania, se limita a confirmar que *é cidadão da União qualquer pessoa que tenha nacionalidade de um país membro*, continuando, no título VII (artigo O) das disposições finais, que *qualquer Estado europeu pode pedir para se tornar membro da União*. A complexidade do texto desse tratado se justifica, pelo compromisso que unia 12 países de políticas divergentes, vivendo num incerto contexto europeu e, até mesmo, internacional.

A encruzilhada geopolítica induzia o Conselho Europeu de Lisboa (1992) a justificar que o termo *europeu combina elementos geográficos, históricos e culturais que, juntos, contribuem para União Euro-*

péia, cujos contornos serão construídos com o tempo. Contornos cujo núcleo foi uma Europa Ocidental, habituada à solidez do conceito de Antigo Continente, que hoje se vão alargando ou querem alargar-se com a entrada de Estados recentes, como a Croácia e Eslovênia, por exemplo, e que se querem resguardar de antigos, como a Rússia, que é europeia aquém dos Urais.

Antes da implosão da URSS, havia pleno exercício do *poder dissuasório* para a manutenção da paz, e a ordem internacional se baseava no equilíbrio entre as superpotências pelo Pentágono e pelo Kremlin.

Finda a Guerra Fria, com certa carga ideológica, George Bush criava a expressão *nova ordem mundial*. A Carta da ONU que defendia a segurança das nações era suplantada pela *segurança dos povos* e o conceito de soberania para uns poucos nos levava a viver num mundo supranacional ou transnacional, com a preva- lecência muito clara do governo de Washington, impondo-se, pois, a encruzilhada geopolítica da Europa

¹² Foi nos arredores de Pristina, a capital da província, que se travou, em 15 de junho de 1389, a Batalha do Kosovo, onde morreram, no confronto, o Rei sérvio Lazar e o Sultão turco Murad.

conseguindo certa unidade econômica soerguida pelo Plano Marshall, mas carecendo da unidade política, tendo de aceitar os Estados Unidos na posição confortável de *nação-guia*, num

contexto que chega, por vezes, a ignorar a própria ONU, onde todas as nações são ditas iguais, mas que, na realidade, revela serem umas mais bem iguais do que as outras.

E é nesse modelo em crise da ONU que os países terão uma séria questão para repensar: Devem os direitos humanos ter precedência sobre a soberania dos Estados? 🌐

BIBLIOGRAFIA

- ARON, Raymond. *Le Grand Schisme*. Paris, 1948.
- _____. *Paz e Guerra entre as Nações*. Editora Universidade de Brasília, 1962.
- BOYD, Andrev. *Atlas de Política Mundial*. Editorial Ibèria S. A. Barcelona.
- CHAUMONT, Charles. *L'ONU*. Presses Universitaires de France. Paris, 1959.
- DEFARGES, Philippe Moreau. *La Politique Internationale*. Hachette. Paris, 1990.
- _____. *Relations Internacionales - Questions Regionales*. Editions du Seuil. Paris, 1993.
- DELMAS, Claude. *L'OTAN (Organization du Traité de l'Atlantique-Nord)*. Presses Universitaires de France. Paris, 1960.
- _____. *Le Monde Atlantique*. Presses Universitaires de France. Paris, 1958.
- GANDRA, Ives da Silva Martins. *O Desafio Mundial*. Centro de Estudos Político-Estratégicos da Escola de Guerra Naval - Simpósio O Labirinto Político-Estratégico Mundial: os Rumos Brasileiros. Rio (6, 7 e 8 de maio de 1992).
- PARMENTIER, Guillaume. *Le Retour de l'Histoire (Stratégie et Relations Internationales Pendant et Après)*.
- PORTUGAL na NATO. *Nação e Defesa nº 89. Primavera de 1999*. 2ª Série. Instituto da Defesa Nacional. Lisboa.
- RENOUVIN, Pierre et Duroselle. Jean Baptiste. *Introdução à História das Relações Internacionais*. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1967.
- SPAACK, Paul Henri. *Pourquoi l'OTAN*. Paris, 1959.
- ZORGBIBE, Charles. *Le Relations Internationales*. Presses Universitaires de France. Paris.

*“Não se atinge a maturidade
de uma Nação sem vencer dificuldades
de toda a ordem.”*

Marquês de Maricá